

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

**Do Norte de Ituêta (MG) à América do Norte: a inserção de
ituêtenses no contexto do fluxo migratório internacional**

Autora: Lívia Pieper Pires

Orientador: Prof. Dr. Ulysses da Cunha Baggio

VIÇOSA-MG
NOVEMBRO/ 2010

LÍVIA PIEPER PIRES

**Do Norte de Ituaêta (MG) à América do Norte: a inserção de
ituêtaenses no contexto do fluxo migratório internacional**

Monografia apresentada ao Curso
de Geografia como pré-requisito
para obtenção do grau de bacharel
em Geografia da Universidade
Federal de Viçosa

VIÇOSA-MG
NOVEMBRO/ 2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter iluminado meu caminho até aqui e pela oportunidade de conhecimento e crescimento pessoal e intelectual.

Não poderia deixar de expressar enorme gratidão à minha família, chefiada por uma mulher de fibra, exemplo de luta, de coragem e que sempre esteve a disposição pra me ajudar em todos os momentos, até mesmo nas andanças pelas estradas, abrindo porteira, afinal, fazendo de tudo para que esse trabalho saísse. Aos meus irmãos Rany e em especial ao Pit, por sempre me aconselhar e sanar minhas dúvidas do mundo acadêmico e me dar o oportunidade de discussões em um ambiente familiar. Além de ter me dado uma irmã e uma linda sobrinha.

Às ViraKanecas e ao Jardim, por terem participado intensamente na busca e hoje conquista desse sonho.

Aos amigos da GEO/06, pela acolhida e por tornar a ciência geográfica ainda mais encantadora, divertida e cheia de crises. Proporcionando momentos inesquecíveis, sejam de estudos, de lanchinhos, de esquentas, de festas, de incertezas e tantos outros. Uma lembrança carinhosa da amiga dos almoços de domingo na sua calorosa casa, com sambinha ao fundo – Virgínia; dos conselhos – Thaysa; das farras e da animação – Geisi; das inúmeras viagens e aventuras, planos futuro e do rock – Yasmin (Jaz); pelos comentários e pela doçura – Biazinha; e tantos outros: Med, Medeiros, Soldado, Vini, Andréa, Mari - amigos (ou não), mas que fizeram a diferença.

Aos amigos dos encontros e desencontros que essa Geografia me proporcionou e despertou em mim a vontade infinita de viajar e fazer descobertas. Agradeço carinhosamente ao Jonnas (x), com sua vontade e disposição em me ajudar.

Um agradecimento ao Professor Ulysses Baggio.

Aos espaços extra classe por onde passei: PACAB, na pessoa do Professor Franklin; e ao CMPOMFI – Secretaria de Saúde / Epidemiologia, em especial a Cris.

Não posso deixar de agradecer aos que foram a base desse trabalho, os entrevistados e familiares por exporem seus sonhos e conquistas.

À uma mulher de coragem, minha mãe.

*“O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem...”*
Guimarães Rosa

RESUMO

Este estudo tem por finalidade abordar a inserção da porção norte do município de Ituêta (MG), a qual corresponde a área rural no contexto da migração internacional – conexão Estados Unidos. Entender porque as pessoas partem da “roça” para grandes centros urbanos de outro país, quem são essas pessoas, o trajeto percorrido através da clandestinidade, como vivem no país de destino e as transformações sócio-espaciais e culturais provocadas pelo envio de remessas pelos emigrantes. Para a sua realização, foi feita pesquisa de campo e entrevistas com atores envolvidos e ainda com emigrantes retornados seguindo um trajeto pré-estabelecido em um mapa confeccionado para esse fim, de forma que a área estudada seja atingida como um todo. Desse modo, foi possível verificar que as transformações causadas no espaço e no modo de vida de ituetenses após a emigração é afetado pela nova ordem mundial, diminuindo as diferenças, antes nítidas, entre o rural e urbano, dada a modernização pela qual vem passando este lugar.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	VIII
INTRODUÇÃO	09
CAP. 1 - O COMEÇO DO SONHO DE “FAZER A AMÉRICA”	11
1.1 - Contextualização da migração internacional: a conexão EUA	11
1.2 – A influência regional: o caso da cidade mineira de Governador Valadares	17
CAP. 2 – “EU VOU, MAS EU VOLTO!”	24
2 .1 – Trajetória geográfica da emigração da mesorregião valadarense para os EUA	24
2.2 - A inserção de ituetenses no fluxo migratório internacional	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
BIBLIOGRAFIA	51
ANEXOS	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Concentração de valadarenses nos EUA, 2009	21
Figura 2: Mapa de localização do município de Ituêta, Minas Gerais.....	23
Figura 3: Governador Valadares: Influência sobre a mesorregião do Vale do Rio Doce	26
Figura 4: Cerca que divide Tijuana (México) da cidade americana de San Diego.	30
Figura 5: As cruzes trazem os nomes e o local de origem dos migrantes que tentaram passar para o outro lado da cerca e foram mortos.	31
Figura 6: Localização do município de Ituêta (MG) dividido pelo Rio Doce	33
Figura 7: Distribuição geográfica das residências dos entrevistados na porção norte do município de Ituêta - MG	34
Figura 8: Avenida principal da sede do município da Nova Ituêta	43
Figura 9: Rua principal do distrito de Quatituba.....	45
Figura 10: Rua central na cidade de Resplendor	45
Figura 11: Terreno comprado e casa construída com dinheiro adquirido através do trabalho secundário nos EUA.....	46
Figura 12: Comércio montado por emigrante no meio rural após o retorno.....	47

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade abordar a inserção da porção norte do município de Ituêta (MG), a qual corresponde a área rural no contexto da migração internacional – conexão Estados Unidos. Buscamos entender quem são as pessoas que partem da “roça” para grandes centros urbanos de outro país, porque o fazem, quais os trajetos que percorrem através da clandestinidade, como vivem no país de destino e qual a importância das redes sociais e as transformações socioespaciais (e culturais) advindas das remessas financeiras feitas por esses emigrantes.

A saída de ituetenses em direção aos países que ofereciam oportunidades quanto a uma vida melhor corresponde à época em que a crise da década de 80 assolava o território brasileiro, o que contribuiu de forma expressiva, para que a corrente migratória internacional tomasse corpo. Embora Teresa Sales afirme que o fluxo migratório internacional tenha se iniciado ainda na época da ditadura militar, quando brasileiros recorriam a outros países na busca por asilo político. A busca por melhores condições de vida em países desenvolvidos, através da prática de trabalhos secundários rejeitados pelos nativos é a solução encontrada por muitas famílias que partem para países desconhecidos e totalmente diferentes da realidade vivida, para quando retornarem conquistar os sonhos que lhe foram negados no seu país de origem.

A cidade mineira de Governador Valadares foi pioneira nesse processo migratório, e os fatores impulsionadores desse circuito ultrapassam o aspecto econômico, podendo-se hoje afirmar que adquiriu um significado também cultural, o que não prescinde da necessidade de se buscar formas de sobrevivência. Ademais, sua influência se sobressai às barreiras geográficas e atinge até mesmo outras cidades, como a área aqui em estudo. Como se verá, os meios para chegar ao país de destino são inúmeros, dentre eles o trajeto pela clandestinidade, situação que o emigrante carrega desde a travessia até a sua volta ao país de origem.

Ituêta entrou no processo emigratório de forma significava mais tardiamente, no início dos anos 2000. Mesmo após o fatídico 11 de setembro de 2001, o número não decaiu, conseqüência do trabalho dos agenciadores e coiotes que traçam novas rotas para que o passageiro continue chegando ao destino final. E, assim, essa rede engrossou conectando outros atores na corrente migratória, como amigos, parentes ou apenas conhecidos. Devido esse grande contingente de ituetenses que se dirige para os EUA, é

possível perceber que o lugar de origem também está envolvido no processo, devido à entrada de remessas advindas do trabalho secundário dos emigrantes e que transformam não só o lugar, mas também a vida das pessoas que pertencem àquela comunidade rural.

CAPÍTULO 1 - O COMEÇO DO SONHO DE “FAZER A AMÉRICA”

1.1 - Contextualização da migração internacional: a conexão EUA

O papel atrativo dos Estados Unidos sobre os países latinos não é um fenômeno recente, ocorre desde meados dos anos 1960. CASTRO (1994: 285) afirma que a propaganda americana de “terra da democracia” demonstra ser ele uma nação receptiva aos imigrantes e refugiados, e compõe parte do ideário nacional. A partir de então, foi sendo registrado o deslocamento de indivíduos rumo aos EUA, primeiramente de mexicanos, país fronteiriço, e posteriormente de outros países latinos. Mas há apontamentos de outras correntes migratórias de países do Terceiro Mundo rumo à Nova Inglaterra, anterior a Segunda Grande Guerra Mundial, como o deslocamento de grande contingente de europeus e posteriormente de asiáticos. Essas levas pertenceram às primeiras correntes migratórias são conhecidas por “velhos migrantes”.

Apesar do fato de os EUA serem um país representativo na recepção de imigrantes, e esses imigrantes fazerem parte do processo de formação cultural, político e econômico, alguns grupos sociais mais influentes da sociedade norte americana já não simpatizam com a entrada maciça de estrangeiros, e garantem que essa “mistura” acarreta a perda da identidade nacional. Mas cabe aqui destacar que parte dessa migração foi excitada por programas oficiais advindos do próprio governo norte americano, como o *Programa Bracero*, tinha como finalidade garantir braços baratos para os grandes fazendeiros. Mas muitos desses foram para os EUA trabalhar e logo se estabeleceram no local abandonando suas terras, e ainda incentivaram a migração de muitas levas de conterrâneos (CASTRO, 1994: 280). Quando este programa foi implantado, nos anos 50, trouxe consigo um crescimento acentuado de imigrantes indocumentados, e mesmo com seu fim em 1964, os fluxos migratórios continuaram crescentes, contaminando ainda outras nações subdesenvolvidas.

Hoje, muitos países de destino como EUA e alguns países da Europa lastimam terem permitido e até certo ponto incentivado a entrada de trabalhadores temporários e suas respectivas famílias. Uma das indagações é a respeito de se o governo tem condições de equipar essa população com serviços de saúde, moradia e educação para os filhos dos trabalhadores. No início os migrantes ocupavam os cargos desdenhados pelos nativos, mas a partir do momento que essa massa foi se tornando permanente, começaram as rejeições pelos empregos considerados de menor *status* pressionando os

postos ocupados pelos nativos. Assim se dá o início do conflito entre nativos e migrantes, acalorado pelas discriminações raciais e de cunho nacional.

Esses elementos envolvidos estão no seio das discussões sobre as migrações internacionais e os problemas provocados por esse movimento. O primeiro por causar um fervor interno nos países de destino e estes não estarem dispostos a conviverem com toda diversidade levada e reafirmada por meio da formação de bairros de estrangeiros, e outras formas de manifestações culturais. Embora esteja clara a necessidade da força de trabalho nos países desenvolvidos, outra dificuldade enfrentada se dá no nível das políticas públicas. Os países só se preocupavam com o trabalhador temporário, se recusando a aceitar a idéia que de o trabalhador poderia passar de temporário à residente permanente. Muitos estudiosos afirmam que programas que em épocas passadas incentivaram o deslocamento de indivíduos para áreas desenvolvidas também foi o grande causador dos volumosos fluxos clandestinos posteriores. Isso porque os governos tentavam breca a entrada de estrangeiros, porém, já era tarde.

Estes problemas levantados se firmaram como assuntos freqüentes entre pesquisadores e governos, diante das preocupações originadas tornando parte da agenda de assuntos de conferências internacionais, patrocinados pela ONU no momento pós-guerra. Sales (1992: 53) em seu artigo enfatiza duas conferências internacionais, uma realizada em 1986, que tinha como bandeira central o futuro das migrações, e a outra, ocorrida no início da década de 90, que foi dedicada aos direitos dos trabalhadores migrantes. Isso dá idéia do problema que se arrastava e que agora se consumou por meio da existência de uma população numerosa, que busca condições de sobrevivência na realização de trabalhos árduos em países da Europa, nos EUA e ainda Canadá. O maior desafio colocado é que a migração internacional seja consistente com os direitos humanos e princípios democráticos, são as maiores inquietações para as próximas décadas (TOMASI *et al apud* SALES, 1992: 54).

A integração do estrangeiro no mercado de trabalho nos países de destino é o ponto em destaque nos estudos sobre migrações internacionais. Não se restringe a ocupação de lacunas deixadas pelos nativos nos subempregos, mas engloba a fuga de cérebros de países do Terceiro Mundo. Portes (*apud* Sales 1992: 55) afirma que existem duas categorias de empregos, referente ao tipo de economia dual pregado pelos EUA, acarretado pela separação de empresas vítimas do capitalismo avançado. A primeira

colocação de trabalho é ocupada por imigrantes legalizados, são contratados devido a suas habilidades, assim, não sofrendo qualquer tipo de preconceito étnico, possuem possibilidades de mobilidade se confrontados com os nativos, e cumprem a papel de força de trabalho doméstica, diferentemente do trabalho secundário. Já este mercado enfrenta maiores dificuldades, por ser ocupado por clandestinos, desprovidos de atenção de sindicatos, não possuem licenças e os empregos são temporários, não necessita de nenhuma experiência anterior e nem tão pouco treino, mas são caracterizados de acordo com suas etnias, recebem os salários mais baixos, e é praticamente inexistente a possibilidade de mobilidade. Este mercado está diretamente ligado ao setor abastardo da economia. Um fato interessante é que esses trabalhadores são contratados mesmo quando o mercado já está saturado, mas os empregadores contratam tendo em vista o rebaixamento do valor dos salários pagos a esses estrangeiros, submetidos, assim, a uma condição de super-exploração. No mercado secundário não importa o nível de escolaridade e nem mesmo o conhecimento da língua oficial, o que está em jogo é o tipo de serviço e os lucros que o capital pode alcançar sob esse regime de exploração.

Distinto dos elementos apresentados sobre os setores de mercado de trabalho, o que está em “xeque” é a extensa lei de emprego de 1970, por meio da adoção do *Occupational Health and Safety Act*, que afetou os dois lados, tanto o empregador quanto o indivíduo que procura por trabalho. Desde quando a lei entrou em vigor, em 1986, várias prescrições causaram *frisson*, entre elas a proibição de empregadores fornecerem tarefas aos imigrantes ilegais. A aplicação tem sido alvo de inúmeras críticas, principalmente porque agora os empregadores agem de forma discriminatória ao contratar. Esse comportamento era mais comum em locais de maior concentração de asiáticos e hispânicos, e que hoje constituem as mais fortes correntes migratórias em direção aos EUA.

Embora a Brasil tenha uma menor participação nesse segmento, essa corrente migratória tem se engrossado recentemente, sobretudo no período da década de 80. Os fluxos em direção às nações “modernas” se revelam de dois modos de acordo com Sales (1992: 60). O primeiro pela desestruturação dos poderes públicos em lidar com as questões relacionadas a saídas de brasileiros para outros países como EUA, Japão, Canadá e países da Europa. O segundo ponto é a perspectiva ilusória criada pelo imigrante quanto ao tempo de permanência no país de destino. Esse é o fator mais preocupante, já que a maior vontade dos imigrantes é angariar fundos para retornar, seja

através do envio de remessas ou no próprio retorno físico. Para isso se submetem a trabalhos em condições precárias em países como os EUA, se juntado aos “hermanos” que já haviam iniciado esse ciclo em décadas anteriores.

A chegada de latinos nos EUA é datada a partir da década de 1960, não-coincidentemente aos acontecimentos que contextualizaram os países envolvidos, como a investida de capital norte-americano em áreas de fronteira, apoio financeiro aos países assolados por golpes militares, apoio vindo de Washington para países latino-americanos e a divisão de áreas de influências. Assim, eventos históricos servem como fatores impulsionadores aos países que passavam por problemas econômicos como a dívida externa e o crescimento, e também com redefinição de um novo mapa global, com a divisão de países ricos – norte; e pobres – sul.

As correntes emigratórias brasileiras ocorrem desde o século XIX e início do XX, tendo como destino países da Europa e mais tarde Ásia. O deslocamento de brasileiros para outros países sempre existiu e persiste ainda hoje, mas sem que se configurasse na formação de uma corrente migratória no sentido em que esse termo é empregado nos estudos sobre tal temática (Sales, 1994: 249).

Durante os anos em que a ditadura militar esteve instalada no Brasil, houve a saída de muitos brasileiros, os chamados refugiados políticos, que logo retornaram ao Brasil após a Anistia. Para esse fato, a estudiosa no assunto, Sales dá o nome de migração política.

O fluxo migratório brasileiro, à primeira vista, foi marcado pela recessão econômica que se instaurou na década de 1980. Esse período ficou conhecido como “década perdida”. Tal situação deveria ser olhada com mais atenção pelo governo, visto que a maior porção da população brasileira é pobre e vive em péssimas condições, e enxergam como solução a ida para outro país na tentativa de sobreviver, mas o que tem sido feito é simplesmente ignorar esse fato.

O Brasil que já havia sido um país de atração migratória passou a ser exportador de mão-de-obra para países como Japão, Estados Unidos e também para países da Europa. Lugares que assumiram papel de destaque perante as demais economias no período pós-guerra. Isso fez com que a demanda por trabalhadores estrangeiros se tornasse imprescindível para atender a demanda que o mercado exigia e que não havia

disponível dado as conseqüências da transição demográfica e por agora apresentarem taxa de crescimento vegetativo muito baixa. E essa população disposta, acredita encontrar postos de trabalhos em que serão melhores remunerados em países desenvolvidos, notadamente nos Estados Unidos.

No último quartel do século XX, o Brasil não andava bem das pernas, sofria o impacto das crises internacionais, como o aumento da taxa de juros, o segundo choque do petróleo o qual acarretou no aumento da inflação interna que chegou ao ano de 1979 a passar a casa dos três dígitos. Assim, como efeito dominó, a país começa a enfrentar crises político-econômica, com medidas restritivas, corte de gastos públicos, mudança na política salarial, estagnação do Produto Interno Bruto (PIB), ampliação da desigualdade na distribuição de renda, acompanhado ainda pelo aumento abrupto da inflação. Segundo Sales (1999: 28), o alto índice de desemprego e a inflação batendo recordes mesmo com o advento do Plano Cruzado, fizeram com que a população buscasse alternativas fora do país para sanar essa falta de perspectiva no Brasil “redemocratizado”. Desse modo, o processo migratório internacional está inteiramente ligado aos fatores econômicos e políticos pelos quais este país passava. É importante ressaltar que foi um período de bastante instabilidade, que mesmo quando atingia níveis mis seguros, ainda sim a população acreditava que a solução estava no portão de embarque do aeroporto.

Embora tais fatores explicassem o fluxo contínuo dessa forte corrente migratória, faz-se necessário observar o contexto do país de destino, este o qual pode contribuir com a saída de brasileiros rumo ao enriquecimento rápido e que não seria possível no país de origem. Tais elementos estão conectados com a nova organização mundial da economia, resultando na configuração de um espaço transnacional, onde os fluxos de confundem em meio a circulação de capital, de mercadorias, de serviços, de informações e na circulação de trabalhadores, ou seja, de força de trabalho.

É nesse novo espaço da divisão internacional da economia, agravado pela deterioração das economias latino-americanas, limitação do seu processo de acumulação de capital pelo sangramento de divisas, como pagamento da dívida externa, recessão, inflação e afunilamento das alternativas de mobilidade para a classe média, que se viria avolumando, a partir dos anos 80, a emigração de *brasucas* (como os brasileiros se chamam nos Estados Unidos) (CASTRO, 1994: 282).

Neste momento do processo de globalização/integração dos mercados, é que os EUA se lançam como país central, estratégico e disseminador do consumismo e da cultura, e torna-se visível para outras nações a soberania do dólar americano perante as moedas de outras nacionalidades. Assim, os países de terceiro mundo, viam no primeiro mundo a oportunidade que estava sendo negada na sua própria nação, e busca sua sobrevivência no país de destino e até mesmo de famílias que ficaram para trás. Dessa forma, essa massa desesperançosa avoluma o movimento dos chamados “novos migrantes”.

Ainda que em épocas de crescimento econômico brasileiro, tomado de certo dinamismo, o número de emigrantes não decresce significadamente. Sales (1999: 33) em seu estudo deixa claro que embora fossem colocados em prática novos planos econômicos e houvesse uma queda da inflação, ainda sim a melhor opção para a ascensão social era migrar rumo ao Novo Mundo.

Somado aos fatores econômicos, é importante apontar e analisar as redes sociais, que se fortaleceram e pode ser vista hoje como parte principal do processo migratório. Estudiosos afirmam que as redes de migração e o papel exercido pelos parentes e amigos na transmissão de informações. Sasaki & Assis (2000: 10) consideram como elemento contribuinte às migrações recentes, está o desenvolvimento das redes sociais. Essas são como pontes que ligam as comunidades de origem com os locais de destino. E vai além, constituem ligações tanto entre os migrantes quanto os não-migrantes em relações interpessoais de auxílio mútuo. Um exemplo clássico é o envio de remessas para os familiares no país de origem e o pagamento de passagens e outros serviços como a travessia para pessoas que já estão no país de destino. Para Brito (2005:13) o processo migratório tende a ser coletivo, funcionando como uma bola de neve. Os que migram estabelecem entre si uma “rede” de informações e apoio visando não só informar sobre as condições do país de destino, como facilitar a adaptação do imigrante.

O deslocamento de longa distância está ligado a diversos riscos: o enfiamento do novo, o capital investido na busca do sonho, questões de segurança e conforto. Porém, os riscos são minimizados devido as fortes redes de contato com pessoas que já estão no país de destino alimentando por meio de informações e incentivando a migração. Por isso que os migrantes se concentram em determinadas áreas, tanto no país de origem e também no de destino. Quando é tomada a decisão de emigrar, começam os

contatos com outras redes, como agências de turismo, despachantes, coiotes¹ e com as pessoas que receberão no local de destino. No Brasil, apesar da maioria dos emigrantes partirem do estado mineiro, outros estados também participam, porém de forma menos significativa, como Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, entre outros.

Aos que se submetem enfrentar, na maioria das vezes, um país bem diferente do de origem, restam-lhe o espaço de trabalho desprezado pelo cidadão nativo. É um tipo de serviço já esperado pelos emigrantes, marginalizado e discriminado, onde seus maiores concorrentes por vagas são da mesma nacionalidade. Dependendo do tipo de migração, no caso permanente, podem atingir a mobilidade de classe, passando de meros assalariados a empregadores, além de uma melhor integração social no seu novo local de moradia. Mesmo com todo tipo de problemas que enfrentam, ainda sim para muitos é a oportunidade de estabelecer poupança e adquirir bens e/ou investimentos de forma a ascender socialmente sua vida e da sua família no país do qual se despediram por um período. Embora existam muitas barreiras físicas quanto a entrada de estrangeiros nos países desenvolvidos, há o reconhecimento da necessidade da presença do imigrante, o qual atuam na reprodução social e econômica de países da Europa e nos Estados Unidos.

É na efervescência das migrações internacionais que cidades como Goiânia (GO), Criciúma (SC) a cidade mineira de Governador Valadares atingem seu auge no que tange a exportação de força de trabalho para os Estados Unidos. Aqui Valadares terá destaque devido o raio de propagação que atinge até chegar ao município de estudo. A influência pode ser considerada hoje mais um fator cultural do que a própria questão econômica que envolve os dois países.

1.2 – A influência regional: o caso da cidade mineira de Governador Valadares

O primeiro contato se deu ainda na década de 40, quando americanos movimentaram a vida da pequena cidade interiorana por meio da extração da mica² e na

¹ Forma como é conhecida os atravessadores, que traçam a rota da ilegalidade.

² Servia na construção de rádios.

reforma da estrada de ferro Vitória-Minas³. Dizia-se que circulava muito ‘dólar’ e que ele valia muito, dava pra comprar muita coisa que o cruzeiro⁴ não comprava.

Para os valadarenses, a presença dos americanos naquela localidade levou o progresso, com a implantação de aparelhos ligados a área da saúde⁵ e ainda benefícios como serviços de saneamento básico, água e esgoto. Nesse sentido foi sendo criada essa utopia de que nos Estados Unidos era fácil ganhar dinheiro e que lá existia o progresso. Posteriormente, nota-se um vazio na cidade deixado pela quantidade de indivíduos que foram em busca de melhores dias na América⁶. Com o esgotamento dos recursos minerais, veio também a pausa na economia local. Scudeler afirma que tal fato levou os valadarenses a experimentarem uma queda do nível de vida que destoou do progresso associado ao investimento e padrão de gasto proporcionado pelos americanos. A estagnação econômica em que a região se encontrava ainda nos anos 60 e a falta de dinamismo em atividades terciária aliada a cultura de buscar oportunidades na outra América serviram como fatores primordiais, transformando Valadares em centro expulsor. Dessa forma, a saída encontrada foi a migração. Para Scudeler, a preparação da cidade para receber os estrangeiros e o contato destes com a população nativa contribuíram fortemente para a formação de um "imaginário coletivo", enquanto terra das oportunidades e do sucesso econômico. Outro elemento que muito contribuiu para que fosse de certa forma disseminado o fenômeno migratório foi a mídia, com notícias diárias, mas quase sempre distorcidas da realidade vivida pelo emigrante. Entretanto não foram mal vistas por quem tinha o sonho de “fazer a América”.

Assim, o modo de vida deixado pelos estrangeiros ronda o imaginário dos cidadãos, se tornando algo comum entre a população, de que qualquer indivíduo, pé de chinelo⁷ pode “fazer a América”. Mesmo os que não pisam na “outra” América, participam ativamente e refazem a América, só que em Governador Valadares. Assuntos sobre migrantes fazem parte do cotidiano da população. Ao circular pelas ruas

³ A mesma estrada de ferro que os alemães ajudaram a construir e que foi citada no capítulo anterior.

⁴ Moeda que circulava na época.

⁵ Esses serviços eram coordenados na maior parte das vezes por estrangeiros.

⁶ Forma como os valadarenses se referem aos Estados Unidos.

⁷ Modo como é falado na cidade para expressar que não precisa ter muito dinheiro para emigrar.

é possível escutar as pessoas comentando que parentes ou amigos estão chegando ou mesmo de partida para os EUA, que recebeu presentes, e o mais curioso, até tentam pagar contas em dólar. Desse modo, fica claro como a cidade de Governador Valadares se tornou pólo regional de atração dado o desenvolvimento levado pelos gringos e também pelos espaços de experiências e influências na cultura de migrar para o exterior.

Soares (1999: 170), em seus estudos apresenta para o período de 1960 – 1970 um número de 462 valadarenses já no circuito emigratório. Porém, o auge ocorre na temporada de 1985 – 1990, quando 11.864 pessoas deixaram a cidade. Do total de emigrados, com idade de 16 anos acima (27.210 – 1960 a 1994), uma percentagem de 82% escolheram como destino os EUA e apenas 4% emigraram para o Canadá. Os outros países não participaram de forma expressiva dessa escolha. A forte concentração de emigrantes no período de 85 a 90, justamente no período do “boom” da migração internacional, mas que em Valadares apresenta números significativos ainda antes, como no início da década de 70.

De acordo com a *American Community Survey*, estudo divulgado em 2006 demonstra que o número de imigrantes aumentou em relação ao ano de 2005, passou de 35,6 milhões para 37,5 milhões. Dentre esses imigrantes, os brasileiros representam 328.510 e 342.555 respectivamente (sítio da BBC). Mas o Departamento de Assuntos Consulares do Itamaraty considera que esse número possa chegar a aproximadamente 1,5 milhões de pessoas⁸.

Tanto o preço do deslocamento quanto a exposição às informações/estímulos do Primeiro Mundo e, em especial, o de contar com redes de apoio, amigos e parentes da mesma nacionalidade no lugar do destino contribuem para maior seletividade por classe da migração internacional (CASTRO, 1994: 282).

Porém, para os valadarenses não existe barreira para migrar nem tão pouco seleção de classe. É feita uma dívida que começa a ser paga quando o indivíduo coloca o pé lá. Muitos pegam empréstimos com agiotas ou mesmos com emigrantes que estão

⁸ Vale destacar que esses dados sobre os números de brasileiros nos EUA são muito imprecisos, devido a entrada de grande contingente de indocumentados, e quando são indagados pelos pesquisadores, mesmo quando não perguntados sobre a legalidade, não respondem por receio de serem presos ou mesmo deportados para o país de origem.

no país de destino. A prioridade é quitar essa pendência para então, de fato começar a trabalhar na realização dos sonhos.

Esse fato pode ser confirmado pelas transformações causadas na região periférica da cidade, onde muitas famílias dos que migraram deixam o espaço segregado e elevam socialmente, tornando “adquirente imobiliário”. Soares (1999: 172) destaca a situação do seguinte modo:

O emigrante vê sua renda aumentar, capacitando-os a tornar-se demanda solvável de bens de consumo duráveis no local de origem; enfim, ele está pronto para articular-se, para inserir-se num patamar de consumo, cujos bens estavam longe de ser adquiridos com os rendimentos obtidos no Brasil.

Os investimentos são os mais variados, de início no sustento da família, e posteriormente em bens como casas, reformas residenciais e em atividades comerciais, que garanta o sustento após o retorno.

A costa leste norte americana, onde situa o estado de Massachusetts possui a maior e mais antiga comunidade de brasileiros, desse modo, atinge números elevados de imigrantes que pode chegar a 350 mil de acordo com o Consulado do Brasil em Boston. Nos estudos de Fusco, os valadarenses se concentram principalmente em Massachusetts (52%), Flórida (16%), Nova Jersey (15%) e Nova York (12%), e por outros estados se espalham em uma proporção mínima (6%) (figura 1).



Figura1: Concentração de valadarenses nos EUA, 2008

Fonte: Wilson Fusco, 2008 – Elaborado pela autora

No que fere as remessas enviadas ao Brasil pelos emigrantes, o valor obteve um acréscimo significativo e é capaz de aumentar destacadamente a renda per capita do local em que esse dinheiro está sendo destinado. De acordo com relatórios apresentados pelo Banco Mundial, mostram um crescimento em torno de 114% entre os anos de 2000 e 2006. Transformando essa percentagem em valor pulou de U\$ 1,6 bilhão (R\$ 3,4 bilhões) para U\$ 3,5 bilhões (R\$ 7,5 bilhões). Esses valores não são específicos de montantes enviados somente dos EUA, mas de países receptores de brasileiros. Mas o Brasil é o segundo país da América Latina em enviar maiores remessas, ficando atrás apenas do México, mostrando a vocação de tais países em exportar força de trabalho, remessas que são alocadas pelos veículos formais, submetidos, assim, a burocracias e taxações. O meio mais usual no envio de remessas para o Brasil é através do convênio entre a agência *Western Union* e o Banco do Brasil. Há limite mensal que pode ser enviado e quando é ultrapassado o valor limite, no caso US\$ 3.000,00, é cobrada uma taxa. A via alternativa é realizada na clandestinidade, colocando maços de dólar entre eletroeletrônicos e produtos que são mandados pelos CORREIOS ao Brasil.⁹

⁹ Esses produtos normalmente são despachados sem o pagamento de impostos, contando apenas com a sorte de chegar ao destino final.

É necessário afirmar que a crise que assolou o Brasil no início dos anos de 1980 não pode ser considerada como fator primordial na expulsão de brasileiros oriundos de cidades de médio porte rumo ao desconhecido, no caso, os EUA. Outro elemento tem fundamental contribuição, como no caso de Governador Valadares (MG), é a formação de uma cultura emigracionista, que está arraigada naquele local, e porque não falar da região.

Hoje, essa cultura de migrar contaminou toda a região do Vale do Rio Doce e a seguir discorrerei sobre o efeito dessa disseminação apenas na parte norte – zona rural do município de Ituêta (MG) (figura 2).

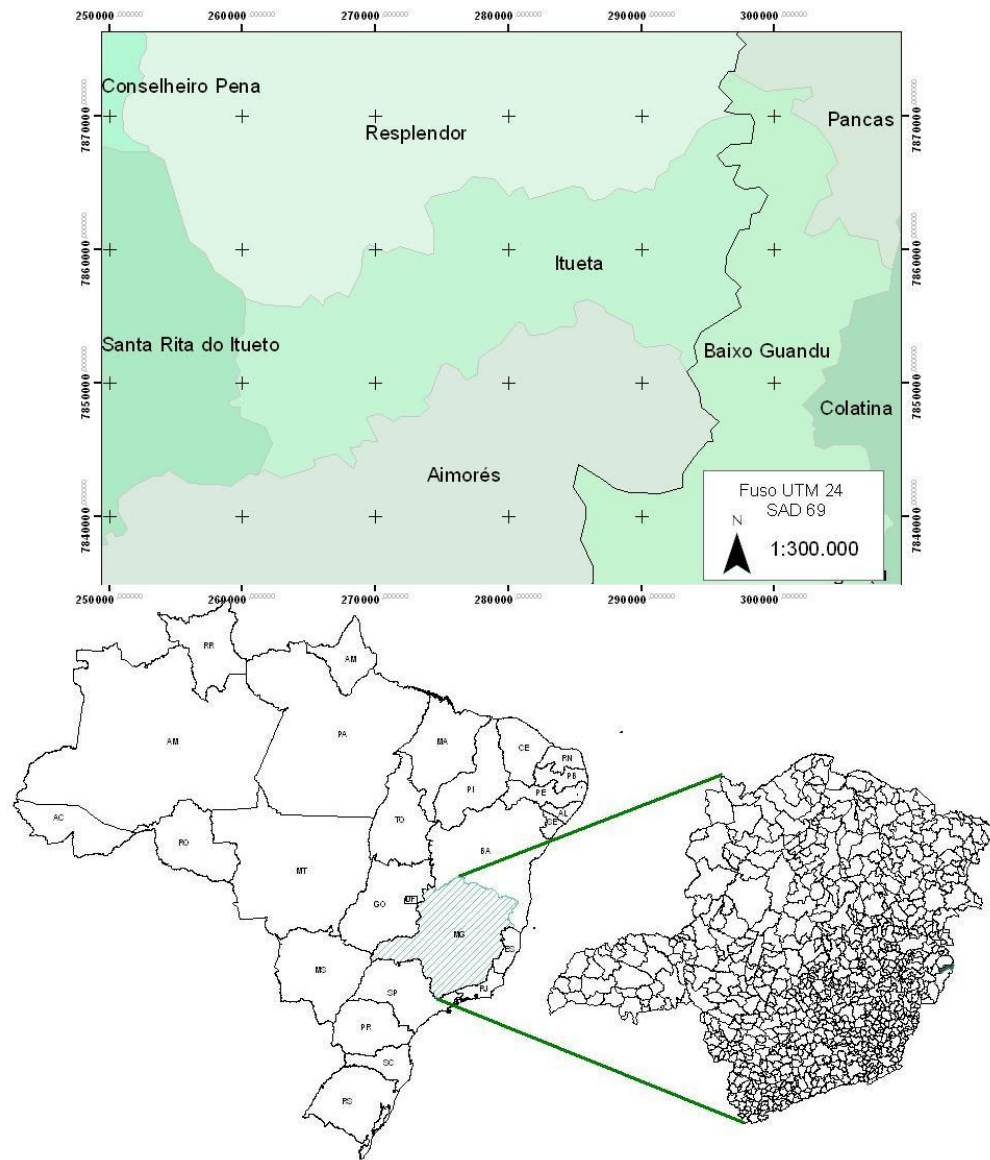


Figura 2: mapa de localização do município de Ituêta (MG)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

CAPÍTULO 2 – “EU VOU, MAS EU VOLTO”

2.1 – Trajetória geográfica da emigração da mesorregião valadareense para os EUA

O tempo da nova ordem mundial trouxe a liberalização da circulação de mercadorias, modernização dos meios de comunicação e facilidades no transporte. Porém, também serviu para acentuar as diferenças entre pobres e ricos, excluindo a entrada dos menos favorecidos no mundo globalizado. Dessa maneira, o que se observa é o fluxo de estrangeiros indocumentados, que traçam caminhos arriscados para alcançarem o tão almejado sonho de “fazer a América”.

Assis (2008: 231) faz uma colocação muito positiva sobre essa questão da econômica internacional e as fronteiras:

As fronteiras no mundo contemporâneo são apropriadas e atravessadas de diferentes maneiras pelo capital, pelos viajantes, turistas e migrantes. Ao mesmo tempo em que anunciam seu fim – “um mundo sem fronteiras” -, estas são reafirmadas no sentido mais estreito nas tentativas de controle do policiamento do território e da população.

A dificuldade na obtenção do visto americano não deve ser considerada uma barreira à entrada de migrantes no país de destino, visto que os números¹⁰ dos que conseguem entrar não decaem mesmo com a implantação de políticas para o controle da fronteira a fim de conter o fluxo migratório, sobretudo após os atentados de 11 de setembro. Como alternativa os migrantes entram clandestinamente e, dessa forma, são vistos e tratados pelas autoridades governamentais como criminosos, em que pese o fato de estarem inseridos na rota do tráfico transnacional de migrantes - prática que é qualificada como crime -, seja por via marítima, aérea ou terrestre. Isso de acordo com o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas assinado pelo governo do Brasil em 2000 e ratificado em 2004 como uma forma de evitar o crime da passagem irregular pela fronteira. O tráfico não envolve somente a pessoa que cruza a fronteira, como também os outros atores, como: parentes, agenciadores, coites, contrabandistas. Mesmo que estes não se considerem praticantes de um crime, pois o que desejam é apenas que o migrante passe de um território para outro. Território este separado por cercas, muros e

¹⁰ Os dados possuem uma margem de erro devido à imprecisão em se contabilizar esse fluxo migratório.

barreiras naturais, e que demonstra uma relação de poder, seja econômico, político e a forte influência cultural que o país de destino aqui tratado exerce sobre as demais nações que participam expressivamente dessa corrente migratória.

As políticas imigratórias estabelecidas em diferentes momentos se tornam conflitantes diante do que é divulgado sobre o país de destino, como sendo terra de oportunidades, da liberdade e da necessidade de trabalhadores para exercerem o trabalho negado e discriminado pelos nativos contra a realidade deparada quando emigrantes tentam ir e até quando chegam nos Estados Unidos. Há uma visão induzida de que os migrantes levam problemas e ameaçam a segurança nacional, principalmente depois de 11 de setembro, quando os migrantes se tornaram ainda mais indesejados fazendo com que os EUA investissem com uma série de equipamentos de alta tecnologia como patrulhas motorizadas, refletores e sensores de movimento, torres com câmeras e muros paralelos em pontos da fronteira com o México, principal portal de entrada de clandestinos. Diante da divulgação da quantidade de emigrantes brasileiros que participam desse trajeto, cresce a preocupação e a necessidade do governo do Brasil em discutir sobre esse assunto para que se tomem medidas e assim foi instalada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - CPMI no Congresso Nacional. Outro ponto de destaque que ganhou força foi a divulgação do filme “A Fronteira”, com direção de Roberto Carminiti em 2002, este que retrata a história de famílias que colocam em risco suas vidas na busca da conquista do sonho que está além da fronteira México – Estados Unidos.

No Brasil, durante a segunda metade da década de 80, algumas cidades tiveram maior participação no envio de emigrantes como Governador Valadares (MG), Criciúma (SC) e Goiânia (GO). A partir de agora descreverei a participação da cidade mineira e sua influência para a região de Ituêta (figura 3) no trajeto geográfico do circuito da emigração. Os primeiros valadarenses que foram para os EUA para trabalharem no setor secundário foram filhos de turcos e por meio deles criou-se uma grande teia. Até para os americanos era uma novidade os brasileiros naquele país, pois estes não faziam idéia do local que se localizava o tal Brasil. De início, quando deu início essa corrente migratória o visto para entrada em território americano era facilmente adquirido, mas devido a explosão de migrantes saindo na busca de melhores condições de vida, a concessão do carimbo no passaporte estava se tornando cada vez mais difícil. Um elemento que contribuiu negativamente para isso foi o trabalho da

mídia na divulgação da presença dos imigrantes, tidos como baderneiros, os que consumiam bebida alcoólica em locais proibidos, andam em bandos e falam alto. De certo forma, atrapalhavam a ordem do país. Mas nada disso serviu como empecilho, pois serviu para aumentar as entradas clandestinas e as quadrilhas de falsificação de passaportes e venda ilegal do sonho americano (Sales, 1994: 114).

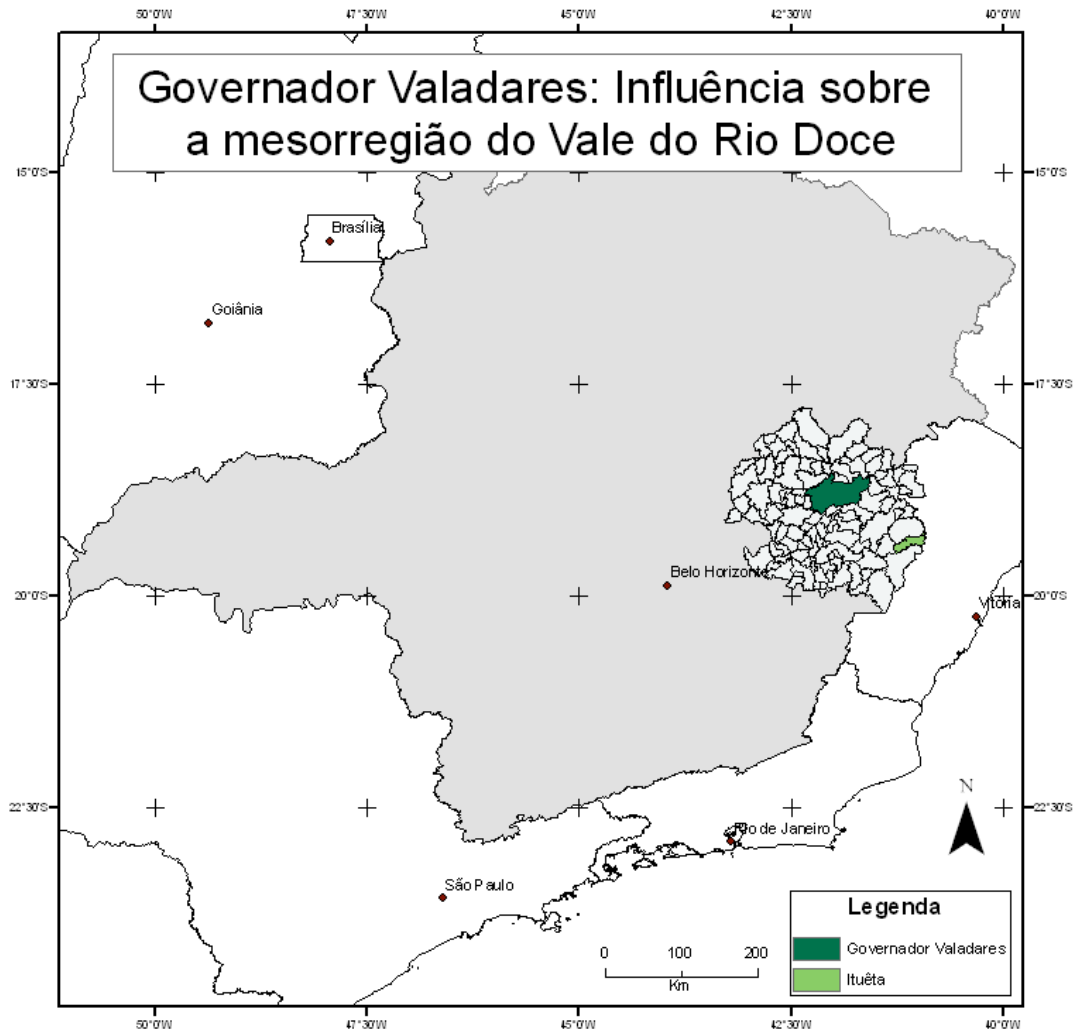


Figura 3: Governador Valadares: influência sobre a mesorregião do Vale do Rio Doce.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010

A rota mais utilizada é a passagem pelo México, mas o trajeto varia de acordo com alguns elementos, tais como quem é o emigrante, quanto ele está disposto a pagar, o caminho menos arriscado e com menos equipamentos de vigia, entre outros fatores.

Tudo dá início por meio de contatos¹¹, daí a grande importância das redes sociais no processo migratório. Na região de Governador Valadares, a que mais exporta mão-de-obra para os EUA, não é nada difícil achar uma pessoa que faz esse tipo de serviço. João¹² comenta um pouco do serviço que realizava.

“Eu fui para os EUA em 80 com o visto na mão e depois de 5 anos que eu estava lá trabalhando na construção civil, comecei a agenciar gente pra ir do Brasil para os Estados Unidos. Cheguei a morar 20 anos em lugares que faziam parte da estratégia, serviam como pontos de apoio. Primeiro foram 5 anos em Cancun e o restante na Cidade do México. Fazia a base e depois encaminhava até a fronteira. Os anos entre 1985-1995 foram os que mais saíram gente pra ir trabalhar nos Estados Unidos. Teve época que o número chegava de 2000 a 3000 pessoas embarcando por semana só dessa região aqui, era uma verdadeira evasão, mas também aqui já não tinha emprego e nem nada. Aliás, tinha trabalho pra gente, que levava o pessoal, mas muito mesmo. Era gente de Conselheiro Pena, Cuparaque, Resplendor, Ituêta. Já foi comigo também gente de muitos outros estados, como Mato Grosso, Rondônia, Santa Catarina, Goiás. Cheguei a levar até indiano, chinês, equatoriano. Quando o serviço é bem feito, ele rende. Ah, vai a propaganda de boca-a-boca”.

Primeiramente o migrante ficava sabendo que tinha uma pessoa que fazia o serviço de levar para os EUA, conhecida como agenciador. Isso por meio de contatos das redes sociais, porque um amigo ou parente que já tinha ido e conhecido um migrante que havia chegado lá com a ajuda desse agenciador. Não havia importância de qual lugar era o migrante, muitas das vezes pertencia a outra região e até outro país como foi falado por João, mas para isso não havia problema, era possível participar desse circuito. E assim já passava um contato, como o número do telefone e dava início a conquista do sonho americano. Depois de acertado os detalhes, tudo ficava pronto rapidamente, pois o agenciador tinha os auxiliares e cada um ficava com uma responsabilidade, era serviço completo, da preparação dos documentos até a chegada do outro lado da fronteira.

¹¹ Informações adquiridas durante entrevista e aplicação de questionário com um agenciador que trabalhou por mais de 20 anos levando pessoas para trabalharem nos EUA.

¹² Nome fictício para que seja preservada a identidade do entrevistado, assim também para as notas de depoimentos subsequentes.

“Teve época que procurava o passageiro pra ir, logo depois de 11 de setembro, mas já teve fase de rejeitar e passar o passageiro pra outra pessoa por não dar conta do serviço.”

As estratégias são diversas e mudam de acordo com a necessidade, ou seja, com o impedimento que é posto pela imigração americana. Desse modo, Souza (2007) afirma que os limites de território são imutáveis, que podem ser alterados pela força bruta e com o poder controlador, no caso, pelo mais forte, os EUA.

A partir de agora, irei focar no caminho mais comum, não significa ser de mais fácil acesso ou mesmo o mais barato. Há percursos diferenciados para mães com crianças e ainda depende do tamanho do grupo. Afinal, são aproximadamente 3.500 Km de fronteira entre México e EUA, mais de vinte pontos de travessia, com passagens pelo deserto, pelo rio, pela estrada. É importante destacar que alguns utilizam como opção a ida para o Canadá, haja vista que nele os procedimentos e exigências quanto à obtenção do visto serem muito mais simplificados, e, assim, atravessar a fronteira norte dos EUA.

Os embarques acontecem na cidade de São Paulo e, às vezes, o vôo levava apenas emigrantes, que iam tentar a sorte naquele país. Uma média de 60 a 100 pessoas que saíam duas vezes por semana (no período de 2000 a 2005) em aeronaves de empresas mexicana, boliviana, chilena, argentina e peruana. O destino? Um ponto turístico como Cancun ou Cidade do México. As pessoas iam a princípio como turistas, com a desculpa de conhecer lugares, que na verdade serviam como pontos de apoio do caminho até a chegada ao país de destino. Para entrar no México, teve momentos em que era exigido o visto, como a partir de 2005 e perdura até os dias de hoje. Isso fez com que estimulasse a procura por novas rotas emigratórias. Como a passagem por Honduras, Guatemala e Chile antes de chegar ao território mexicano. De Cancun ou da Cidade do México embarcam para Monterrey e daí vão de carro para a fronteira até a casa da pessoa que irá atravessá-los. A travessia em si é realizada pelos coiotes, que são mexicanos que possuem total conhecimento das áreas em que são feitas as passagens. Por se tratar do território apropriado por determinado grupo social, no caso os coiotes, onde quem ocupa é quem dita as regras. Esses cobram em torno de US\$ 2.000,00 para passar da fronteira até colocarem os pés nos Estados Unidos. Eles são temidos pelas mulheres, pois é nessa parte em que elas correm maiores riscos de serem molestadas e chantageadas em troca de serviços por favores sexuais.

O valor total cobrado para ir do Brasil para os Estados Unidos varia em torno de US\$ 10.000,00. Alguns agenciadores cobram o valor antes mesmo do embarque não se preocupando com a situação do passageiro. Desse valor total, é realizado o pagamento de passagens, hotéis, comida e outros gastos de viagem, o que sobra para o agenciador é aproximadamente US\$ 3.000,00 por pessoa que embarca.

“A pessoa podia ter ou não ter dinheiro que eu ajudava a ir pra lá (EUA) ganhar dinheiro. Eu só encostava a mão no dinheiro depois que a pessoa ligava dizendo que tinha chegado. Já confiei em muita gente e por isso levei muito prejuízo. Se eu colocar na ponta do lápis o que me devem, dá uns US\$ 500.000,00. Daí também dá pra você ter idéia de quanta gente eu levei.”

O tempo de viagem varia aproximadamente de dois dias chegando a quinze dias. A passagem pelo deserto do Arizona é mais demorada e arriscada, exige preparação física. Já a travessia que é feita pela água é mais rápida, mas ainda sim é bastante pesada devido à força da correnteza. Ricardo¹³ fez essa travessia pela porção oeste e descreve alguns momentos.

“Eu estava com mais cinco pessoas, duas mulheres e o restante homem. E eles (os coiotes) ‘deu’ pra gente três bóias de pneu. Como eu e meu amigo que estava indo junto sabia nadar, a gente passou as bóias para as mulheres. Foi difícil, a correnteza puxava muito, você olha pra frente e acha que nunca vai conseguir chegar, mas a vontade e necessidade é maior.”

¹³ Nome fictício.

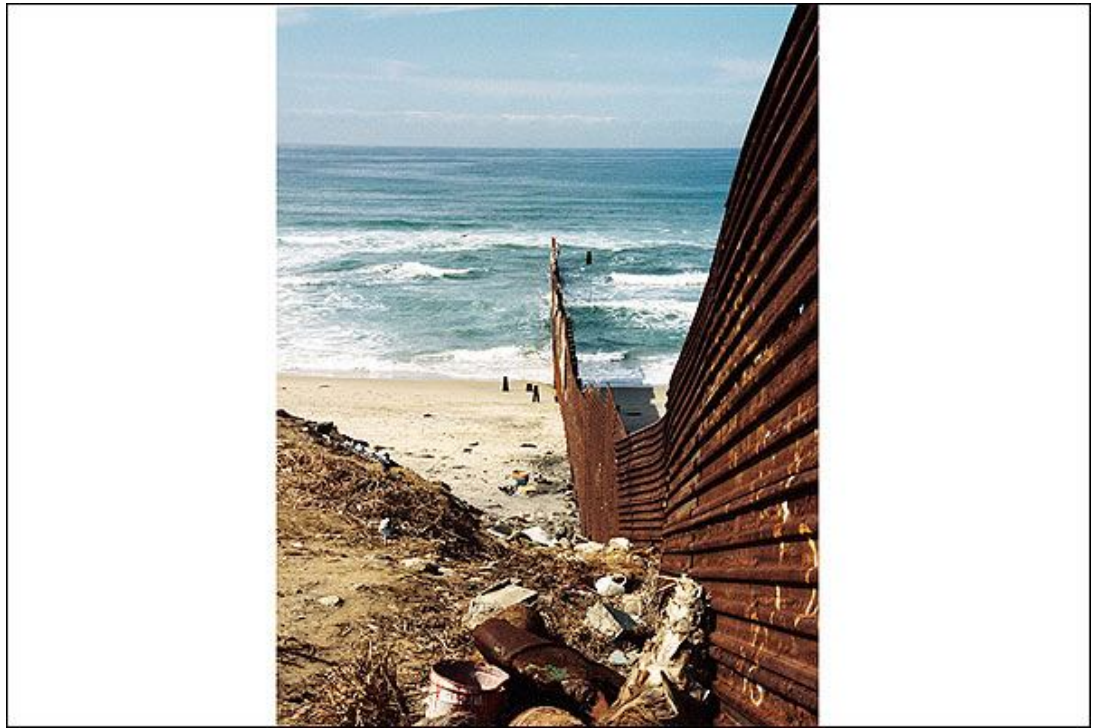


Figura 4: Cerca que divide Tijuana (México) da cidade americana de San Diego.

Foto: María Teresa Fernández, 1991.

Fonte: www.bbc.co.uk

É válido ressaltar que nem toda travessia termina em um final feliz. Muitos tentam inúmeras vezes e não desistem tão fácil do sonho de “fazer a América”. A figura 4 apresenta a divisão dos dois países no oceano Pacífico que foi construída em 1991 com restos de navios de guerra.

Em outros pontos da travessia há símbolos, marcas das pessoas que deixaram seus sonhos pelo caminho, no caso, na placa de metal que separa os territórios (figura 5). A cidade de Tijuana no lado mexicano e do outro lado está “Parque de La Amistad” pertencente aos EUA. Para Souza (2007), isso é a definição de território representado pelo espaço e poder imposto pelo lado mais forte, os EUA, o qual também controla o espaço, o limite geográfico.



Figura5: As cruzes trazem os nomes e o local de origem dos migrantes que tentaram passar para o outro lado da cerca e foram mortos.

Foto: María Teresa Fernández, 1991.

Fonte: www.bbc.co.uk

Alguns ainda se arriscam levando roupas, jóias e dinheiro em espécie. As roupas normalmente vão ficando pelo caminho, porque a quantidade de objetos pode facilitar a travessia. Quando as jóias estão visíveis, como brincos, alianças são roubadas pelos coites e o dinheiro deve ser muito bem guardado e escondido. Eles que ajudarão no sustento nos primeiros dias até conseguir emprego.

A época que pode ser considerada como a mais amena para a passagem ficou conhecida como “cai-cai”, e compreende os anos pós 2001. Neste período não era exigido o visto para entrada no México, e o caminho era para entrar pelo estado estadunidense do Texas. Os passageiros já saíam do Brasil com a certeza de que seriam barrados na entrada, presos pela polícia mexicana. O migrante, ao chegar na fronteira ficava de dois a três dias preso, quando então eram soltos e algumas vezes até levado no ponto de embarque para chegar ao destino final.

“Aproveitei que o México “tava” liberando nós pra passar e fui.”

Já no país de destino, a imigração fazia um cadastro do migrante, tirava as digitais, aprendia o passaporte e fornecia uma carta de permissão que dava ao migrante

o direito de ficar o período de seis meses legal, mas nessa carta estava também uma data em que o imigrante deveria comparecer a Corte, caso não comparecesse, o migrante se tornava procurado pela imigração como sendo um criminoso ou bandido. A estratégia usada pela imigração é que dessa forma construíam um relatório e caso o migrante não fosse na Corte Americana na data marcada, seria mais fácil localizá-lo, pois estava com todos os dados em mãos para assim achar o migrante e deportá-lo. Eram realizadas “batidas da migração” em locais estratégicos como: lanchonetes, supermercados, firmas de limpeza e construção civil ou mesmo em *blitz* policial, quando é exigida a documentação e, caso seja falsificada, o migrante pode ser deportado (Assis, 2008: 229).

“Hoje as leis de trânsito estão bem rígidas e em alguns estados é até possível tirar carteira de motorista mesmo sendo ilegal, mas o emigrante tem que andar na linha, fazer tudo certo.”

Mesmo os emigrantes cientes dos riscos que correm para ir a busca da conquista do sonho que foi construído em conjunto pela família¹⁴, a chegada no país de origem é comemorada com satisfação e como motivo de orgulho para um etapa vencida. O próximo passo é trabalhar arduamente em subempregos, viver a insegurança de poder ser deportado a qualquer momento antes que consiga ao menos pagar a dívida feita para ultrapassar a fronteira e na expectativa de voltar para viver do lado de sua família numa condição financeira diferente da que deixou para trás durante alguns anos.

2.2 – A inserção dos ituetenses no fluxo migratório internacional

Diante do que já foi exposto, o que se conclui é que a cidade de Governador Valadares (MG), possui forte influência regional, e que esta se estende até o município de Ituêta (MG), distante aproximadamente 135 km. Tudo se dá por meio de redes sociais, seja por parentes, amigos, e o papel das igrejas, destacado por Martes (1999). As redes são formadas, de acordo Souza (2007) por descontinuidades espaciais, um conjunto de pontos – nós – conectados entre si por segmentos – arcos – que

¹⁴ Cabe salientar que normalmente uma pessoa da família é escolhida e/ou indicada como sendo a melhor para partir na busca de um sonho que foi construído em conjunto, por meio da rede social, e que só culmina quando o emigrado retorna com os objetivos cumpridos.

correspondem aos fluxos que interligam, “costuram” os nós – fluxos de bens, pessoas ou informações.

Mas o que levam esses emigrantes a deixarem pra trás familiares e amigos para viverem no desconhecido, em um lugar inóspito, com clima adverso e costumes de um grande centro urbano? A resposta se concentra como num coro: “a tentativa de dar uma melhoradinha nas coisas aqui na roça.”

O foco do trabalho se concentra na zona rural, especificamente na porção norte, que se localiza na parte direita do rio que corta o município (figura 6 e 7), buscando-se analisar as transformações socioespaciais que aí ocorreram pelo afluxo de recursos financeiros dos emigrantes, vendo-se como esse dinheiro foi investido - seja na zona rural ou mesmo na zona urbana de municípios vizinhos -, o perfil do emigrante e as razões pelas quais eles se dirigem diretamente ao exterior. As respostas serão dadas adiante, como parte da pesquisa realizada em campo por meio de entrevistas com os emigrantes retornados.



Figura 6: Localização do município de Ituêta (MG) dividido pelo Rio Doce.

Fonte: Google Earth, 2010.

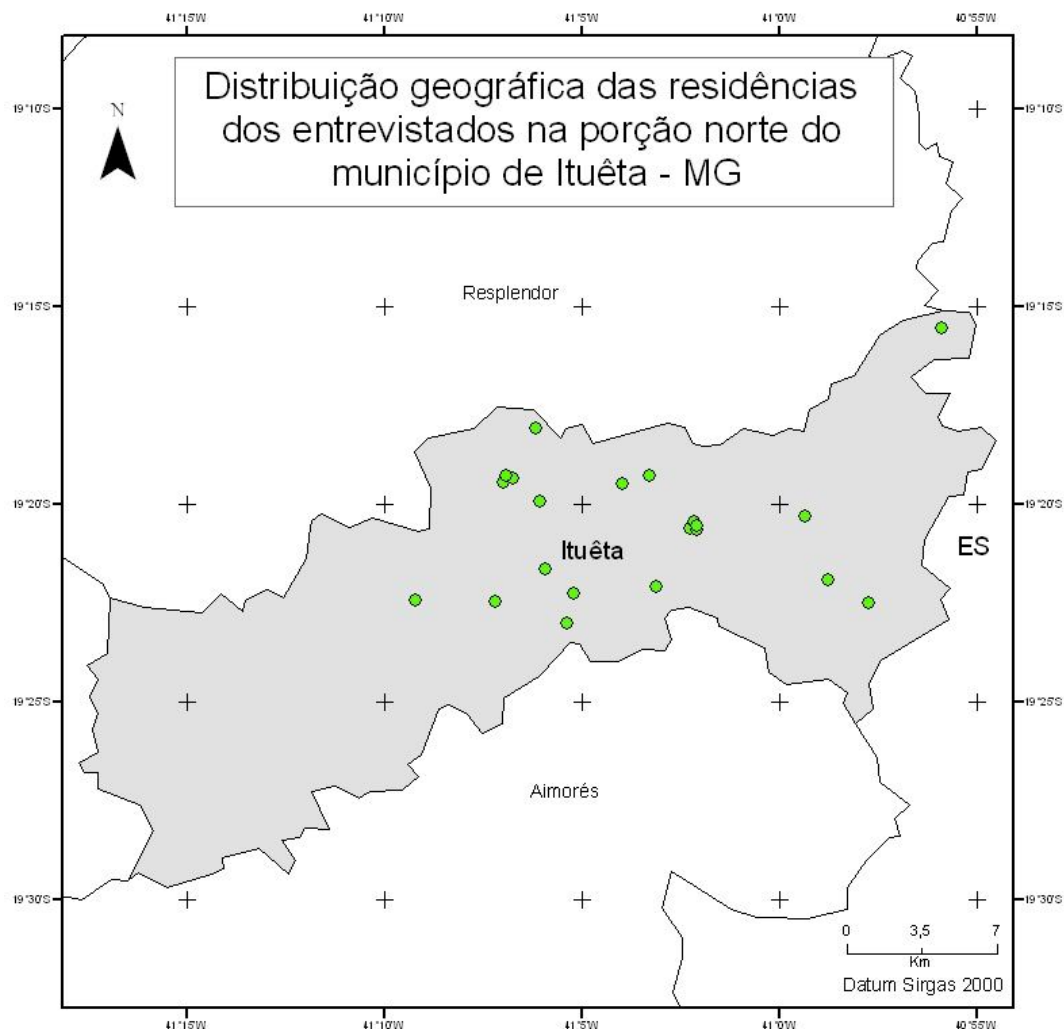


Figura 7: Distribuição geográfica das residências dos entrevistados na porção norte do município de Ituêta – MG.

Fonte: Pesquisa de campo, 2010

É sabido que os brasileiros partem em direção ao desconhecido como uma alternativa para melhorar as condições de vida que são negadas aqui no Brasil. O abandono do país nunca se dá de maneira completa, pois a família fica responsável por cuidar dos negócios do emigrado. E lá, na Nova Inglaterra, re-estabelecem o contato com amigos que já haviam ido, reencontram irmãos, parentes e voltam a freqüentar as igrejas brasileiras. É o que Assis (1999) chama de estar aqui e estar lá, fazendo com que o emigrante assuma uma identidade transmigrante.

As redes sociais são de total importância no processo migratório, tanto no incentivo da ida quanto na receptividade, devido as dificuldades encontradas ao chegar

ao país de origem. Assim, as igrejas assumem papéis essenciais, principalmente entre evangélicos.

Eles atuam como intérpretes e tradutores em hospitais, em escolas ou perante a Justiça; ajudam a veicular informações sobre empregos e moradia disponíveis, promovem atividades para arrecadação e distribuição de alimentos e vestimentas. (MARTES, 1999: 93).

Essa função exercida pela igreja é vista pelos emigrantes como fundamental, haja vista que a maior dificuldade encontrada se diz respeito a não entender nada da língua oficial que é falada nos EUA e a preocupação em conseguir um emprego rápido, pois os emigrantes não podem perder um dia se quer, pois não possuem dinheiro disponível para se manter sem trabalho, porque muitos assumiram uma dívida para atravessar a fronteira e os primeiros meses de serviço são destinados para o pagamento.

A questão da língua é uma dificuldade destacada pela grande parte dos entrevistados quando chegam aos EUA. Mas como são meros trabalhadores temporários, que não pretendem fixar moradia permanente, não se interessam em “perder” tempo para aprender o inglês, embora reconheçam a importância para se comunicarem.

“Não sabia nem falar um “A” de inglês, mas a gente dá um jeitinho brasileiro e depois acostuma. Dá pelos menos pra entender alguma coisa depois de uns seis meses. No serviço era difícil entender o que a patrão queria, mas sempre tinha brasileiro por lá (no mesmo local de serviço) que acabava ajudando.”

No que tange às questões relacionadas a moradia, muitos consideravam ruim, dada a quantidade de gente na mesma residência para baratear o custo do aluguel que era bastante elevado. Mas como moravam entre parentes e irmãos relevavam alguns acontecimentos para se manterem próximos e sentir menos saudade dos familiares e amigos que haviam ficado para traz e assim parecer que estava mais perto de casa do que realmente estavam. Havia uma rotina estabelecida semanalmente que ia desde a limpeza da casa até o preparo da alimentação. A alimentação aqui tratada é referente a janta, a qual era comida típica brasileira, comprada em lojas que vendem produtos brasileiros espalhadas pela costa leste estadunidense, locais de maior concentração de emigrantes. Já as outras refeições eram realizadas nos locais de trabalho, como por exemplo, em restaurantes.

“Fazia o bolo. Já moramos em 14 pessoas em uma casa.”

“A gente morava em “manada”. Não dá, é muita bagunça em casa. Voltei (pro Brasil) por causa disso, não agüentei. Hoje me arrependo.”

Lazer era praticamente inexistente, pelo menos pra os mais velhos que descreveram a rotina dura, de muito trabalho, se limitando apenas da casa para o trabalho e vice-versa. Os mais novos ainda faziam algumas refeições em restaurantes, freqüentavam bares e visitavam amigos em outras cidades com mais freqüência¹⁵.

Os emigrantes retornados entrevistados são, na sua maioria, casados, representado por 86,95%, restando apenas 13,05% de solteiros. Esse peso quantitativo de casados juntamente com o elevado número de homens, cerca de 90%, traz a tona problemas de estrutura familiar. As questões que envolvem problemas familiares devido ao processo migratório são inúmeras. Muitos partem rumo ao país de destino logo após o casamento ou mesmo com poucos anos de casado, deixando no Brasil esposas grávidas, e/ou filhos muito novos. Isso afeta diretamente na criação dos filhos como revelou Miguel¹⁶:

“Quando eu fui minha esposa estava grávida de poucos meses. Fui porque precisa de dinheiro pra garantir uma renda mensal. Pra compensar a ausência, mandava dinheiro pra que nada faltasse e pra que elas (a esposa e a filha) tivessem uma vida confortável. A L.P.G¹⁷. mesmo nasceu em berço de ouro. Já a minha segunda filha que veio logo depois da minha volta não teve tanto mordomia. A mais velha, era só chorar que já ia parar em médico particular, era tudo do bom e do melhor.”

Os emigrantes possuem na média dois filhos, não sendo especificado durante a pesquisa em campo, se já eram nascidos antes mesmo da emigração. Mas o que pôde ser constatado é o peso que esses filhos exerceram na decisão do chefe de família ir buscar e conquistar o sonho da família. Muitos afirmaram terem ido para os EUA para melhorar a vida e ainda pagar a formação educacional dos filhos ou a própria formação.

¹⁵ Essa realidade foi contada em conversa informal entre os retornados, quando lembravam histórias e fatos que dividiam o tempo entre muito trabalho, com pouco tempo para a diversão.

¹⁶ Nome fictício.

¹⁷ Filha primogênita do entrevistado.

“A segunda vez que voltei pra lá (EUA) foi só pra acabar de pagar o estudo da minha menina. O meu outro filho já tinha ido e voltado dos EUA. Não quis estudar, mas montou um comércio e está muito bem e encaminhado.”

“A Cecília se formou e a Ana só estuda hoje porque fazia parte dos planos, o de ter condições de dar estudo para as filhas. Assim elas ‘vão’ ter um futuro melhor e não ter que passar pelo que nossa família passou tendo que ir pros EUA. Pra conquistar uma coisa que todo mundo tem por direito.”

Fora essas questões relacionadas à criação dos filhos, Ezequiel¹⁸ enfatizou o próprio fato de estar longe e não poder voltar na hora que quer, devido a dificuldade que foi chegar ao país de destino e só era possível retornar quando atingisse as metas que tinha colocado e planejando antes da ida.

“Minha menina ficou doente, veio a falecer e eu não vi. Foi a coisa mais triste que já me aconteceu. Sem contar que quando eu cheguei aqui minha mulher me largou. Ganhei dinheiro, mas o que perdi, a minha família, não compensou.”

Outro elemento é o longo tempo distante que os maridos permanecem afastados de suas esposas, o que se torna brecha para que se cometa adultério, acarretando em conseqüências mais drásticas, como por exemplo, a separação e uma queda no nível de vida das pessoas que participaram inteiramente desde a construção até a conquista do sonho de “fazer a América”.

O que Ezequiel alegou sobre dificuldade de se retornar ao país de origem a qualquer momento, é devido ao caminho que teve que percorrer para chegar aos EUA, de forma ilegal. O retorno, antes que se consiga atingir o objetivo da emigração, é a interrupção de um sonho que foi construído em conjunto pela família e o que se dispôs a ir. Este é o principal responsável para que se alcance o sonho. Na mesma situação do entrevistado, há grande contingente de homens, chefes de família que emigram para a conquista de seus sonhos. Conforme levantamento realizado em campo, aproximadamente 78% foram para os EUA de modo ilegal, através do pagamento de altos valores aos agenciadores para passar pela fronteira do México. Os agenciadores são na sua maioria de Governador Valadares e região. Os que partiram do país de origem pela ilegalidade declararam não terem se quer tentado o visto no consulado.

¹⁸ Nome fictício.

Justificaram como sendo impossível adquirir por residirem próximo a cidade de Governador Valadares e pela péssima fama que ela tem de exportar mão-de-obra. Assim, para não terem “dor de cabeça” e não perderem tempo, a melhor saída é se arriscarem na travessia pelo México.

A passagem pelo México é a escolha mais fácil devido à facilidade que as redes sociais possibilitam quanto a se contratar um agenciador para fazer todo o serviço. As únicas preocupações que o passageiro tem são a de adquirirem o passaporte e arrumar o dinheiro para a travessia. Para a confecção do passaporte, o passageiro se desloca até a cidade de Vitória (ES). A ida pra Vitória é justificada devido a proximidade que se encontra do município em que reside e por conhecer melhor o local. Quanto ao dinheiro para pagar a travessia¹⁹, 38,88% dos entrevistados fizeram empréstimos com parentes e amigos que já estavam estabilizados no país de destino, outros 33,33% já possuíam a metade, seja por meio da venda de gado, ou mesmo de parcelas de terra. O restante contraiu o valor com agiotas ou com os próprios agenciadores. Muitos disseram não gostar de apanhar o dinheiro com agiotas, por serem menos flexíveis aos prazos de pagamento e as altas taxas de juros cobradas, o que aumenta consideravelmente o valor final da dívida. Isso significa ter que se dedicar mais tempo no início da jornada para pagar a “passagem”.

“Eu peguei emprestado pra poder ir. Se você parar pra pensar no valor, fica com medo de não dar conta de pagar e acaba não indo. Na época paguei uns R\$ 50.000 pra chegar lá. O dólar estava lá em cima, valendo muito. Nos primeiros meses era trabalhar pra pagar essa ida.”

A parcela dos entrevistados que conseguiram atravessar pela legalidade, se divide em dois segmentos: os que tentaram a sorte no consulado e conseguiram²⁰; e os que já haviam obtido a dupla cidadania²¹.

¹⁹ Vale ressaltar que essa dívida é somente para os emigrantes que embarcaram indocumentados.

²⁰ É importante salientar que esses só tentaram o visto porque era em uma época em que poucas pessoas daquela localidade emigravam.

²¹ Retornando no assunto tratado no primeiro capítulo é possível verificar que essa é uma área colonizada por alemães. Por isso alguns entrevistados entraram nos EUA legalmente, mas com visto de turista.

A escolha em ir diretamente para outro país, sem antes mesmo testar e experimentar o modo de vida em uma urbe fica clara quando se trata em ganho rápido, emprego garantido mesmo envolvendo altos custos e sacrifícios. Os passageiros realçam que mesmo sem estudo conseguem emprego muito rápido, o que não seria possível no Brasil dado o tempo em que teriam que disponibilizar, e não ganhariam a quantia que conseguiram no exterior.

“Lá é o mais falado pra ganhar dinheiro. A gente sai daqui (Ituêta) achando que vai pegar dólar em árvore, e não é bem assim, tem que ralar muito, fora os apertos.

“Porque era o sonho que eu tinha. Muita gente falava, mas uns ‘falava’ que era difícil e outros que era fácil. O bom que já tinha um tanto de gente conhecida por lá (EUA).”

“Escolhi ir pra ‘América’ porque eu não tenho estudo. E lá (EUA), mesmo sem estudo dá pra ganhar muito dinheiro rápido.”

Mesmo com as dificuldades encontradas no meio rural, como o problema do deslocamento devido às longas distâncias, não foi registrado nenhum analfabeto entre os entrevistados. As taxas de escolaridade ficaram concentradas no ensino fundamental incompleto e ensino médio completo, sendo 52,17% e 30,45%, respectivamente. Os que apresentaram maior nível de escolaridade são os mais jovens. Apenas 4,34% cursam ensino superior. A falta de estudo não foi empecilho para emigrar e nem mesmo para conseguir emprego no país de destino.

Ao chegar nos Estados Unidos, o primeiro passo é “rearrumar” a documentação, no caso, falsificar. Os documentos necessários para o começo de uma nova vida no país de destino são: *social security* e *drive license*. Esses documentos auxiliam na conquista do sonho, pois são necessários para o desenvolvimento de tarefas rejeitadas por nativos e ainda para realizar trabalhos que necessitam de locomoção, e mesmo para chegarem até ao local de trabalho.

A busca pelo emprego é ansiada por todos os emigrantes. As colocações nos postos de trabalho são auxiliadas pelos parentes ou amigos que já estão estabelecidos e adaptados. Os tipos de trabalhos exercidos pelo migrante não varia muito, sendo na sua maioria: construção civil, restaurantes (cozinha e limpeza), lavanderia, jardinagem,

limpeza de residências. O que pode se notar é que as ocupações não demandam de conhecimento da língua, por isso não há esforço nem preocupação em aprender inglês.

Há fatores que fazem com que as pessoas não se envolvam com a cultura e com o modo de vida dos estadunidenses, é o tempo que os migrantes irão permanecer no país de destino. O período oscila entre o pretendido e o tempo de estadia que realmente dura. Os planos são de ficar somente o tempo suficiente para pagar a travessia²² e de juntar dinheiro para fazer o que havia planejando antes da ida. Essa temporada gira em torno de três anos. É interessante que antes mesmo da chegada no país de origem, alguns emigrantes já colocam a época da volta, mas ultrapassa na grande parte das vezes.

“Eu tinha em mente ficar lá (EUA) três anos, mas acabou que “passou” sete meses e quatro dias. A gente sempre quer mais.”

O motivo da volta é sempre o mesmo: saudades da família. O tempo é contado detalhadamente, tanto que os emigrantes sabem exatamente os dias que passaram longe da família e as datas de embarque, o tempo que demorou a conseguir emprego. A vida em um país distante é contado minuciosamente devido as dificuldades, as diferenças e as aventuras enfrentados com um tempo limite para acabar.

O trabalho efetivado no país de origem é totalmente diverso ao que o emigrante encontra nos EUA. Na área em estudo, o trabalho realizado pelos emigrantes não varia muito, porém, vale destacar que é um tipo de trabalho braçal, árduo, e que exige força e disposição do indivíduo. E são esses pequenos produtores rurais ou então trabalham por dia²³ em terras de outras pessoas que se dispuseram partir rumo a conquista do sonho de ter uma vida melhor, mas no mesmo lugar.

“Eu fui ganhar um troquinho pra melhorar a vida aqui. Nasci aqui, criei raízes e não saio definitivo daqui pra lugar nenhum.”

Assim como são emigrantes clandestinos, também são trabalhadores ilegais. Não possuem direitos trabalhistas e vivem se esquivando da polícia. Procuram não cometer deslizes no trânsito e não frequentar lugares muito visíveis. Mesmo os emigrantes que possuem dupla cidadania ao engatar no mercado de trabalho secundário

²² No caso dos emigrantes ilegais.

²³ São chamados para trabalhar quando necessário e recebem por dia de trabalho. Atividades como o preparo da terra para o plantio, construção de cerca, entre outros.

estadunidense, se tornavam clandestinos, pois o visto que tinham em mãos era apenas para a prática do turismo²⁴.

Mesmo os emigrantes não sendo assegurados pelas leis trabalhistas, garantem que são bem amparados pelos empregadores. Com relação a exploração da força de trabalho, é inexistente, pelo menos entre patrão e empregado. Mas entre outras etnias e os próprios brasileiros, há uma hierarquia no próprio local de trabalho. Essa hierarquia funciona também para indicar outros serviços e dicas ao recém-chegado. No caso de trabalho, o que indica fica com uma parte do valor que a pessoa ganharia por hora de serviço realizado. A falta de “camaradagem” entre os brasileiros era o motivo de maiores reclamações no que tange a exploração.

“O brasileiro é a pior raça pra mexer lá na “América”. Os americanos são tranqüilos e ajudam quando pode.”

A exploração aqui destacada pelo emigrante não diz respeito ao tipo de trabalho, a cobrança em produzir, o salário e as condições de trabalho, mas sim na relação interpessoal no local em que desenvolvem as atividades. As longas jornadas de trabalho, que chegam até a 100 horas por semana, sem dias de folga, porque o emigrante trabalha em mais de um lugar não é vista como algo exploratório, pois os emigrantes se dispuseram a submeter ao tipo de serviço que é dirigida a eles. Não é considerado um trabalho pesado, no sentido de esforço físico se comparado ao trabalho realizado antes de deixarem o país de origem, porque trabalhavam com conforto, recebiam semanalmente, embora tivessem que cumprir horário e muitas vezes tempo corrido, sem pausa para o almoço. Essa é uma diferença bastante acentuada dada ao modo de vida que se encontra no meio rural e forma de viver nos grandes centros, sobretudo países de terceiro mundo. Alguns emigrantes destacaram sobre o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos brasileiros em terra estadunidense, ressaltando serem vistos como “povo trabalhador”.

Com relação aos salários que eram pagos aos trabalhadores secundários, os valores são considerados elevados para os padrões do Brasil, em torno de US\$12,00 por hora trabalhada, recebidos semanalmente em “cheque”. Vale salientar que mesmo sendo

²⁴ Durante a entrevista, um retornado portador de dupla cidadania afirmou que não foi para a Alemanha porque lá não é possível trabalhar ilegal e é muito mais difícil de conseguir emprego, pois concorre com os próprios nativos, o que não acontece nos EUA.

um salário considerável, os gastos com moradia e alimentação destoavam do de costume, por isso recorriam a alguns artifícios, como morar com muita gente e se alimentar no local de trabalho, muitas das vezes comiam escondido. O dinheiro que sobrava era enviado quase por inteiro para suas famílias, que haviam ficado no país de origem por conta de administrar o que o emigrante havia deixado para traz e ainda responsável por transformar essas remessas enviadas em bens e de forma a investir na propriedade que já possuíam. O valor enviado por emigrante variava em torno de US\$3.000,00 mensais despachados pela agência *Western Union* conveniada ao Banco do Brasil. Tem um limite que pode ser mandado por mês e caso passe, era necessário pagar uma taxa, assim os emigrantes sempre estavam alertas para que não ultrapassasse. Esse serviço era bastante usado devido a facilidade e rapidez, que o dinheiro caia diretamente na conta do favorecido. Aqui está um fato interessante, apesar dos emigrantes pertencerem ao município de Ituêta, a agência bancária utilizada pertence ao município vizinho de Resplendor ou até mesmo Baixo Guandú, no Espírito Santo. Uma explicação é pelo fato de não existir Banco do Brasil na sede do município e pela estagnação econômica que o local se encontra desde a década de 70. A outra pela própria dificuldade em chegar à cidade de Ituêta.

O município de Ituêta conta hoje com uma população aproximada de 5.800 habitantes²⁵. Esse número sofreu uma queda advinda de alguns fatores como a relocação da sede do município (figura 8) devido a construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés. A transferência da sede trouxe prejuízos irreparáveis ao município, o qual já se encontrava em decadência. O novo lugar foi escolhido como ponto estratégico para facilitar o acesso e evitar a fuga de pessoas em idade ativa que buscam em municípios vizinhos suprir as lacunas existentes na Nova Ituêta. Porém, a tática da instalação da cidade em um outro ponto veio dificultar ainda mais a ida de cidadãos da parte norte²⁶, porque se tornou mais longe. Assim, a medida adotada pelas pessoas da parte prejudicada foi recorrer aos municípios vizinhos e, diga-se de passagem, mais desenvolvidos e com o setor comercial efervescente. É interessante observar que até o distrito, representando por Quatituba (figura 9) apresenta maior agitação e dinamismo que a própria sede.

²⁵ Dados pré-eliminares do censo IBGE 2010.

²⁶ A população dessa área é de aproximadamente 1.300 habitantes – dados pré-eliminares do censo IBGE 2010.



Figura 8: Avenida principal da sede do município da Nova Ituêta.

Fonte: Pesquisa de campo, 09/2010.



Figura 9: Rua principal do distrito de Quatituba.

Fonte: Pesquisa de campo, 09/2010

Os elementos explicitados acima explicam o porque da alocação dos recursos financeiros conseguidos por meio do trabalho clandestino é dirigido para a zona rural ou mesmo para municípios vizinhos como Resplendor (figura 10), Aimorés, Baixo Guandú no Espírito Santo, e não para a cidade de Ituíta.



Figura10: Rua central na cidade de Resplendor

Fonte: Pesquisa de campo, 09/2010.

As remessas são concentradas como investimento no espaço rural do município. A prioridade dos retornados, revelada durante as entrevistas, era a construção ou reforma da casa (figura 11), aumento da área da propriedade, a compra de outro lote para se mudarem do terreno dos pais ou de parentes - tendo assim sua área própria -, investimentos na propriedade para fins de obtenção de renda do uso do solo (ou do espaço disponível) (figura 12) e a compra de bens duráveis, como automóveis. A compra de terras não envolve, portanto, valores muito expressivos; e quando ocorre, o registro é feito no município vizinho de Resplendor, já que na sede do município não existe cartório de registro de imóveis. A dificuldade em adquirir foi justificada pelos retornados devido ao alto valor da terra na região, não sendo possível realizar todos os desejos com pouco tempo de trabalho²⁷.

²⁷ O tempo dedicado ao trabalho nos EUA, em torno de três anos é o suficiente para equilibrar e manter um padrão de vida confortável, não sendo prioridade de nenhum emigrante o enriquecimento.



Figural 1: Terreno comprado e casa construída com dinheiro adquirido através do trabalho secundário nos EUA

Fonte: Pesquisa de campo, 09/2010.



Figura12: Comércio montado por emigrante no meio rural após o retorno

Fonte: Pesquisa de campo, 09/2010.

As transformações causadas com remessas adquiridas no exterior fazem parte do cotidiano das pessoas que habitam aquele local. Nessas transformações estão incluídas mudanças no modo de vida, antes moldado no formato trazido pelos imigrantes pomeranos, ainda no começo do século passado, e que vai se perdendo com o tempo juntamente com as transformações trazidas pelo aporte do dinheiro dos emigrantes na região. Hoje, ganha relevo na paisagem, local e regional, novas formas urbanas, com novos tipos de moradia, de arquitetura mais contemporânea, abandonando assim o estilo tradicional de moradias sustentadas por toras de madeiras, portas, janelas e pisos também de madeiras, extraídas do próprio lote. Os veículos que circulam pelas estradas – símbolo da troca do meio de transporte, antes o lombo animal e agora motos e carros sofisticados, e os equipamentos que compõem as casas, como telefone fixo²⁸ e celular²⁹,

²⁸ O telefone rural já foi artigo de luxo e poucos podiam ter. A linha custava por volta de R\$3.500,00 (em 2002) e muitos emigrantes ainda quando estavam nos EUA enviavam o dinheiro para que as famílias adquirissem como forma de facilitar o contado e matar a saudade.

²⁹ Muitos possuem, mesmo que o sinal não chegue até essa localidade.

televisores de última geração e, não sendo menos importante, os computadores. Esse meio de informação atingiu até as zonas mais afastadas, não sendo utilizados somente para “joguinhos” como também para estabelecer contato com o mundo. As máquinas estão conectadas a internet e de certa forma exercem e suprem as funções do telefone. E mais que isso, por meio de redes sociais é possível além de falar, ver e conhecer a realidade que o emigrado vive nos EUA, e isso faz com que a noção de distância parece ser menor do que realmente é.

Modificações no que diz respeito ao investimento na própria terra estão no preparo do terreno, na compra de equipamentos para serem usados no plantio de culturas agrícolas, como o café, e outras culturas perenes. Outro tipo de investimento é a aquisição de gado leiteiro, que garante uma renda mensal do leite que é vendido para cooperativas das cidades de Resplendor e de Conselheiro Pena.

Tais mudanças verificadas na parte norte do município de Ituêta, sejam elas menos visíveis ou impactantes, dão real significado às transformações provocadas pelo envio de recursos pelos emigrantes, que foram buscar o sonho em outro país, no caso, Estados Unidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações que levam os indivíduos a migrarem são inúmeras, seja por desejo de mudança, por atração, por necessidade ou por pretensão de uma vida ideal não disponível em sua cidade, estado ou país em seu lugar de origem. Esse estudo apresentou a saída encontrada das pessoas que não enxergam no seu país de origem condições de uma vida digna ou condições para que seus desejos sejam atendidos. Assim, a solução encontrada foi tentar buscar fora o que foi negado no Brasil, sobretudo após períodos de crises econômicas.

Essa situação nos dias de hoje é bastante comum no Brasil, visto que muitos brasileiros não acreditam que uma melhora de vida ocorra dentro do território nacional. Buscar essa nova vida em um país diferente se tornou a saída mais pertinente para aqueles que não encontram meios de realizar seus desejos por aqui. Este trabalho se realiza em uma área que representa de forma contundente o quadro migratório nacional. Os moradores da área estudada encontraram na ida para os Estados Unidos o meio mais viável para ascensão social rápida e conquista de sonhos, como ter uma vida mais confortável e garantir uma renda futura.

Seguindo esse ideal, muitos chefes de família deixaram o Brasil rumo aos Estados Unidos para trabalharem e viveram em condições rejeitadas pelos estadunidenses. A maioria deles mora em situações precárias, com excesso de pessoas em espaços pequenos e até mesmo insalubres. A alimentação sempre que possível é feita no local de trabalho, que em grande parte são restaurantes. Essas pessoas se sujeitam a essas situações com objetivo de economizar o dinheiro e assim poder mandar maiores remessas para aqueles que ficaram além de encurtar a estadia ali o máximo possível.

São essas remessas as grandes responsáveis pelas transformações socioespaciais causadas na porção norte do município de Ituêta, é nesse local que os sonhos foram construídos e posteriormente concretizados. As mudanças se iniciam antes mesmo do retorno do emigrante ao país de origem através do envio de dinheiro para investimentos na terra e na compra de equipamentos, como telefones e computadores, facilitando o contato com parentes e amigos que ficaram com a função de administrar os negócios.

A entrada desses aparatos tecnológicos na região exerce pressão em dois segmentos: distancia e apaga as marcas culturais trazidas pelos imigrantes pomeranos, devido ao contato com culturas massificadoras. E foram esses imigrantes os responsáveis pelo nascimento e efervescência que o local passou em tempos áureos. Outro elemento é a modernização levada pelo dinheiro ao campo, porém, não em relação à mecanização na produção da terra, mas na aquisição de bens duráveis, eletrodomésticos e eletroeletrônicos, alterando significativamente o modo de vida dessa população. Assim, o campo é afetado pela nova ordem mundial, diminuindo grandes diferenças, entre o rural e urbano. Embora ainda existam elementos que consagram o lugar como rural, devido sua distinção do espaço-tempo, disperso e lento.

BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Gláucia. Estar aqui..., estar lá...: uma...cartografia da emigração valadarenses para os EUA. In: SALES, Teresa (Org). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.125-166p.

BRITO, Fausto. Ensaio sobre migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, v.12, n1/2, p.21-33, 1995.

CASTRO, Mary Garcia. Latinos nos Estados Unidos. Unindo América, Fazendo a América de lá ou perdendo a nossa América? In: LAVINAS, L.; CARLEIAL, L.M.F.; NABUCO, M.R.(Orgs). **Integração, Região e Regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 272-294p.

FAZITO, Dimitri. **Reflexões sobre os sistemas de migração internacional: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários**. 2005. 204p. Tese (Doutorado em Demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FUSCO, Wilson. **Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência**. I Conferência das Comunidades Brasileiras no Exterior. Rio de Janeiro, 2008.

GOZA, Franklin. **A imigração brasileira na América do Norte**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Campinas, v.9, n.1, p.65-82, jan / jul 1992.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrantes**. São Paulo: Contexto, 1994. 101p. – Repensando a Geografia.

REZENDE, Marcos; ÁLVARES, Ricardo. (Orgs). **Era tudo mata: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor**. Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés. Belo Horizonte, MG. 2009. 266p.

SALES, T. **Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa**. Revista Brasileira de Estudos de População. São Paulo, ABEP, vol.9 (1), jan/jul. 1992, 50-64p.

SALES, T. **Brasil migrante, Brasil clandestino**. São Paulo em Perspectiva, 8 (1): 107-115, janeiro/março 1994.

SALES, Teresa. O Brasil no contexto das recentes migrações. In: LAVINAS, L.; CARLEIAL, L.M.F.; NABUCO, M.R.(Orgs). **Integração, Região e Regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. 249-272p.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999. 232p.

SASAKI, Elisa Massae; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Teorias das migrações internacionais**. Anais do XII Encontro Nacional da ABEP. Caxambú, MG. 2000.

SCUDELER, Cristina. Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA. In: SALES, Teresa (Org). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.125-166p.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Brasil**: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*.- 2.ed. São Paulo: Edusp, 2000. 273 – 313p.

SOUZA, M.J.L. de. **O território**: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P.C.C.; CORREA, R.L. (Orgs). *Geografia: conceitos e temas*. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007. 77-116p.

SOUZA, Stela Maria Bretas. **Emigração: os sentidos pelos adolescentes a partir da ausência dos seus pais**. 2008. 100p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SOARES, Weber. Emigração e (i)mobilidade residencial: momentos de ruptura / continuidade da segregação social no espaço urbano. In: SALES, Teresa (Org). **Cenas do Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial, 1999.167-192p.

British Broadcasting Corporation - BBC. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/02/090220_galeria_cercamexico_ba.shtml > Acesso em 10 de Nov. 2010.

Com Ciência. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr15.htm> > Acesso em 10 de Nov. 2010.

ANEXOS

ENTREVISTA COM EMIGRANTES RETORNADOS

Sexo:

Masculino Feminino

Idade: _____ anos

Escolaridade:

Analfabeto Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo Ensino Superior Incompleto

Ensino Superior Completo

Casado (a)/ solteiro (a):

Filhos?

Sim Não

Se sim, quantos? _____

Renda:

Um salário Até 5 salários De 6 a 10 salários Acima de 10 salários

Profissão: _____

Qual era o objetivo ao emigrar?

Por que não escolheu ir para outra cidade do próprio país?

Por que escolheu ir para os EUA?

Mais alguém da sua família já havia ido ou está lá?

Foi por via legal?

Sim Não

Se não, qual o trajeto realizado:

Se sim, como foi pra adquirir a documentação?

Quanto pagou pelo serviço? _____

Já tinha esse dinheiro?

Sim Não

Se não, como conseguiu para pagar a travessia?

Já possuía algum emprego acertado nos EUA?

Sim Não

Se sim, qual trabalho?

Quando você foi, já pensava em voltar?

Sim Não

Por que?

Qual a maior diferença em trabalhar no Brasil e trabalhar nos EUA?

Conseguiu atingir o objetivo principal da ida para outro país?

Sim Não

Por que?

A vida nos EUA era como você imaginava?

() Sim () Não

Por que?

Mandava remessas de dinheiro para o Brasil?

() Sim () Não

Se sim, siga as perguntas abaixo:

Como era enviado esse dinheiro?

Quanto?

De quanto em quanto tempo?

Esse dinheiro era aplicado em que/ ou era para quê?

Bens adquiridos depois da ida:

Por que retornou?

Continua trabalhando na mesma área antes de ir?

O que mudou após a sua migração/ ou de alguém familiar?

ENTREVISTA COM “ATRAVESSADOR”

1- Idade:
() de 20 a 30 nos () de 31 a 40 anos () de 41 a 50 anos () acima de 50 anos

2- Gostaria que você comentasse como é o seu trabalho, no que consiste?

3- Você já emigrou?

4- Há quanto tempo trabalha nessa área?

5- Possui outra fonte de renda?

6- Casado / solteiro / viúvo / divorciado?

7- Você pode explicar a trajetória geográfica da migração? Os lugares que participam do processo emigratório.

8- Quantas pessoas, um número aproximado, participam desse processo por mês?

9- Do total de pessoas envolvidas, qual a parcela que não consegue chegar ao local de destino, uma parcela aproximada.

10- E quando não chegam, pagam o total pelo serviço?

11- Homens, mulheres, crianças e idosos todos fazem o mesmo trajeto?

12- Dos envolvidos, qual é o sexo que predomina?

13- Qual o custo desse deslocamento por pessoa?

14- Como é realizado o pagamento/prazo?

15- Por que começou a trabalhar com o deslocamento de pessoas?

16- Quanto recebe em média (por mês)?

17- Como estabeleceu as redes de contato?

18- Paga por isso? Quanto?

19- Como as pessoas ficam sabendo do seu serviço?
